

na LER, esta doença intrigante e cheia de componentes somatoformes?”. Este nos parece ser um desafio a pesquisa na atualidade.

Maldavsky, David. “A contribution to the development of a psychoanalytical methodology for research into language: a systematic study of narration as an expression of sexuality” *International Journal of Psychoanalysis*, 84: 607-35, 2003.

Resenhado por: Vera Lúcia Colucci

Pesquisa em psicoterapia: tomando-se as sessões como narrativas, o método para analisá-las deve ser indutivo ou dedutivo? Ou nenhum dos dois?

O autor do artigo “A contribution to the development of a psychoanalytical methodology for research into language: a systematic study of narration as an expression of sexuality”, publicado recentemente no *International Journal of Psychoanalysis*, David Maldavsky, é um psicanalista argentino que há muitos anos se dedica ao estudo psicanalítico da linguagem de comunicação; discípulo de David Liberman, com quem tem vários trabalhos publicados, ambos são membros da Sociedade Psicanalítica Argentina. Liberman é o autor do pioneiro trabalho latinoamericano fundado na teoria da comunicação, apresentado no livro *La comunicación en terapéutica psicoanalítica*, de 1962. Seguindo essa mesma trilha retroativa de descendências teóricas, encontramos a escola interacionista de Palo Alto, que tem como um de seus expoentes Bateson e a teoria do duplo vínculo na determinação comunicacional da esquizofrenia.

Preocupado com a sistematização de uma metodologia psicanalítica para pesquisa em psicoterapia, Maldavsky declara logo no início do artigo sua preocupação com um problema que julga central na pesquisa em psicanálise: o estabelecimento de elos sistemáticos entre as hipóteses teóricas e as manifestações de pacientes em sessão. Nesse contexto, diz ele, as histórias dos pacientes são consideradas valiosas e suas análises têm sido influenciadas pelos estudos da

lingüística, da sociologia e da psicologia cognitiva. Talvez com certa ironia, o autor lembra que dentre esses estudos que tanto valorizam as histórias nas pesquisas em psicoterapia há quem afirme até mesmo que uma história evoca um paradigma mais rico do que uma informação baseada em computador ou em neurônio para estudos da mente, do significado e das relações interpessoais.

Baseado no reconhecimento da importância dessas narrativas, Maldavsky relata que um certo número de psicanalistas propõe o desenvolvimento de métodos baseados no estudo das mesmas. Apesar disso, estes estudiosos não estabelecem um nexos claro entre hipóteses teóricas e a história; na verdade, diz o autor do artigo, alguns deles até questionam o próprio valor da metapsicologia. Em outros casos, continua, o problema reside no procedimento de categorização da história. A teoria sexual freudiana, diz o autor, pode operar como uma rede categorial tornando possível o estudo de significados do discurso do paciente em termos metodológicos. Para ele, a classificação de histórias pode revelar ou não algumas conexões com a teoria psicanalítica e isso vai depender do método de análise, se indutivo – baseado em análise estatística da frequência de falas significativas recorrentes nas narrativas – ou se dedutivo, quando é originado em hipóteses teóricas. Como a grade de categorias daí decorrente pode ser derivada de um procedimento ou outro, o autor propõe, então, uma investigação sistemática da linguagem servindo-se do método dedutivo, através da categorização dos relatos de sessão. Para isso parte de um inventário dos termos variantes relativos à sexualidade, tomando como base a teoria freudiana da erogenidade em suas formações substitutivas pré-conscientes – cujo status é o de cenas canônicas universais.

Armados com esta rede de categorias, podemos avançar em direção ao estudo científico da linguagem, especialmente da história vista como uma seqüência narrativa que o paciente conta em sessão. Certamente se nós possuímos um método para estudar a história que detecta fixações instintuais, podemos estudar as características de certas estruturas psicopatológicas em maior detalhe. Isso é possível porque em cada estrutura (...) prevalece uma fixação instintual específica. (p. 610)

Então, conclui Maldavsky, é possível propor a seguinte seqüência de categorias: em histerias de conversão e patologias históricas, predomina o erotismo genital-fálico; nas histerias de ansiedade e fobias, o erotismo uretral-fálico; nas obsessões, o erotismo oral-sádico secundário; nas patologias de transgressão e paranóia, o erotismo anal-sádico primário; nas patologias esquizóides e esquizofrenia, o erotismo oral primário e, nas adições, distúrbios psicossomáticos e traumofilia, o erotismo intra-somático. Cruzando essas estruturas com tempos de desenvolvimento, resulta um quadro. A tabela assim

obtida demonstra, segundo o autor, uma versão bastante sintetizada das cenas que aparecem nas seqüências narrativas das diferentes linguagens da erotização. Nas páginas seguintes, Maldavsky dá alguns exemplos de classificação servindo-se do caso Dora (1905), de Freud, e do relato do sonho Irma, presente em *A interpretação dos sonhos* (1900).

Nas extensas 28 páginas do artigo, impressas em letra miúda, as idéias do autor sobre metodologia de investigação em psicoterapia e suas conseqüências continuam desenvolvendo-se consistentemente.¹ Trata-se de um artigo denso e o recorte aqui realizado privilegiou algumas questões relativas à metodologia vinculada à pesquisa psicanalítica.

A leitura do artigo, no entanto, provocou-nos algumas indagações: quando perguntamos à psicanálise se ela é um saber que trabalha com a dedução ou com a indução, que posição epistemológica estamos assumindo? A que se destina o quadro de categorias que advém desses procedimentos? Seu valor será o de estabelecer políticas de prioridades na pesquisa? Qual a sua extensão para a clínica?

Questões metodológicas sempre retornam ao campo da pesquisa, em especial da psicanálise, que é um campo de investigação que se caracteriza por dirigir-se ao saber do vivido, ao saber do que não se pode saber.

O caminho tomado por Maldavsky circunscreve-se ao entendimento da linguagem como instrumento de comunicação, onde o discurso funciona como elemento objetivável, do qual o investigador está apartado como sujeito de conhecimento. Com esse procedimento o autor ignora a posição que toma a linguagem como constitutiva do sujeito falante em sua relação ao Outro, modo pelo qual se subjetiva. Levar em conta o inconsciente e a transferência como constitutivos do discurso em sessão terapêutica deve alterar também a concepção metodológica da pesquisa. A consideração do inconsciente na língua não deixará de afetar os procedimentos de investigação.

A defesa da metodologia escolhida no artigo em resenha tropeça, desse modo, com a dificuldade de estabelecer elo com uma condição essencial da narrativa clínica que é a de ser produzida sob transferência. O preço desse desconhecimento é o risco de que se crie um arremedo do DSM para a clínica psicanalítica, no qual ao pretender ordenar o critério diagnóstico apenas a engessa, servindo muito bem apenas para enumerar e nomear as categorias que estabeleceu.

1. Uma breve análise das referências bibliográficas contidas no artigo, chama a atenção para um projeto de investigação de psicoterapia psicanalítica em curso, chamado Projeto SMBP (Salamanca – Madrid – Barcelona) coordenado por Avila Espada, Espanha. Essa referência é destacada na presente resenha com o objetivo de propiciar uma notícia de interesse para os colegas que militam no campo da pesquisa em psicoterapia psicanalítica.

É inegável, todavia, a relevância do artigo desse importante autor no cenário das pesquisas em psicoterapia psicanalítica para o debate sobre que rumo tomar na pesquisa em psicanálise, dando relevo à discussão metodológica e suas conseqüências.

Turner, Mark A. "Psychiatry and the human sciences"
British Journal of Psychiatry, 182: 472-4, 2003.
Resenhado por: Silvia Inglese Ribes

Psiquiatria e as ciências humanas

Mark Turner inicia o editorial do *British Journal of Psychiatry* de junho de 2003 com uma citação de K. Jaspers que transcrevo a seguir: "Quando o objeto estudado é o Homem e não o homem como espécie animal, nós entendemos que a psicopatologia se torna não só um tipo de biologia, mas também como uma das Humanidades".

Essa citação exprime de forma concisa o trabalho desenvolvido por Jaspers na sua *Psicopatologia geral* publicada em 1913. Ele colocou a psiquiatria, que na época era eminentemente biológica, em relação com as assim chamadas ciências do espírito. Introduziu então a noção de compreensibilidade, tributária, sobretudo, do pensamento de M. Weber e Dilthey. Dessa forma Jasper relativizava o papel da biologia na psiquiatria e incluía o ponto de vista das ciências humanas.

Turner concebe o editorial em questão a partir de dois outros editoriais também publicados pelo *British Journal of Psychiatry*. Aquele escrito por Kendell em junho de 2001 intitulado "The distinction between mental and physical illness" e o de autoria de Andrew Cheng publicado em julho do mesmo ano, "Case definition and culture: are people all the same?".

O editorial de Kendell defende a idéia de que não há fundamentos na medicina atual para a distinção entre doença mental e doença física, seja no que se refere à etiologia ou à sintomatologia. A única diferença que se poderia conceber entre doença física e mental seria quantitativa e não qualitativa, não sendo essa diferença mais profunda que aquela existente entre as doenças do sistema circulatório e digestivo, por exemplo.